

Marcia Elizandra Faustino

Depois daquele dia

Grávida

A história de mulheres que pensaram em abortar
e bateram à porta da Casa Pró-Vida

Marcia Elizandra Faustino

Depois daquele dia

*A história de mulheres que pensaram em abortar
e bateram à porta da Casa Pró-Vida*

FICHA TÉCNICA

Curitiba-PR, novembro de 2017

Autora: Marcia Elizandra Faustino

Título: Depois daquele dia

Subtítulo: A história de mulheres que pensaram em abortar e bateram à porta da Casa Pró-Vida

Diagramação: Karla Bianca dos Santos Carneiro

Edição e orientação: Prof. Dr. José Carlos Fernandes

Colaboração na correção: Ana Cláudia Pereira

Ilustração capa: Maynara de Castro e Vasconcelos Lima

Nº de páginas: 86

Assunto: aborto, mulher, maternidade

À Virgem Maria, mãe de todos!

*À minha mãe, a mais bela flor, Eliana de Fátima Pereira
Faustino.
(in memoriam)*

*“Não estou eu aqui, que sou sua mãe?” – Nossa
Senhora de Guadalupe, na aparição ao índio Juan Diego,
México, 1531.*

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus, pela sua paternidade e pela sua graça que não me faltou e me sustentou durante toda minha vida, em especial, na produção deste livro.

Agradeço também à Virgem Maria, que com sua maternidade nunca me desamparou.

À Comunidade Católica Shalom, que me dá a conhecer e me conduz à vontade de Deus e à minha missão. É isso que dá sentido a tudo, inclusive à presente produção.

À minha família, meu seguro porto, pelo apoio e amor. Em especial, por meu pai, Odair Fernandes Faustino, por ser pai, por ser meu pai, por cuidar e amar e ao meu irmão caçula, Odair Júnior, pela parceria em tudo. Apesar do livro falar sobre maternidade, a produção me mostrou a importância do papel paterno e como esse complemento foi essencial para mim.

Ao meu professor orientador, José Carlos Fernandes por me guiar e me socorrer enquanto escrevia. Aos meus colegas de faculdade, que me ensinaram com a vida deles, durante esses quatro anos de curso.

Às minhas fisioterapeutas que me ensinaram e me ajudaram desde o meu nascimento.

Aos meus amigos, e a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na produção.

Agradeço à Casa Pró-Vida Mãe Imaculada pelo acolhimento e confiança durante esse tempo (afinal, tornaram-se especialistas em acolher). Ao padre Silvío e à Jane Maria que estão à frente dessa obra.

Em especial, a uma família de colaboradores (voluntários) da casa, Paulo e Silvíia, com seus filhos, Laura, Vitória e João Paulo. Para mim, têm uma participação especial neste livro. Apesar de não serem de sangue, tornaram-se minha família e muitas vezes foram um refúgio e alegria neste tempo.

A cada mulher que se dispôs a contar sua história e construir este livro. A cada mulher que optou por continuar a gravidez aceitando o apoio da casa, dando aos seus filhos a chance de terem uma vida, de terem uma mãe.

Obrigada, mães, por darem essa chance aos seus filhos. Lembro, assim, da minha mãe. Como foi bom ter uma mãe, como foi bom ter uma história com ela.

Este livro é só o início da história de vocês com seus filhos, dos seus filhos com vocês.

Por fim, mas não menos importante. Agradeço a minha mãe, Eliana de Fátima Pereira Faustino, meu amor, por ter sido minha mãe, por me gerar, me criar, cuidar e por me amar, até o fim da sua vida. Ela foi para o Céu durante a produção do livro, mas nossa história juntas aconteceu e foi muito boa. Conto agora o início da história de outras mães e seus filhos.

Sumário

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO.....	16
"TODOS OS PROBLEMAS DO MUNDO PARECIAM ESTAR EM MINHAS COSTAS"	19
A CASA PRÓ-VIDA MÃE IMACULADA	24
DISCUSSÃO GLOBAL	30
A SITUAÇÃO FINANCEIRA	33
"NO FIM, ELE SIMPLEMENTE SUMIU"	37
O HOMEM QUE ABANDONA	40
APOIO DA FAMÍLIA E A OPINIÃO DAS PESSOAS	42
"ESSA SITUAÇÃO NÃO ENCAIXAVA NA MINHA VIDA."	45
MATERNIDADE E A LIBERDADE FEMININA	50
O NASCITURO	54
RELIGIÃO	57
"NÃO ME ARREPENDEI DE ENTREGAR PRA ADOÇÃO"	60
ADOÇÃO	64
VIOLÊNCIA	67
A LEGISLAÇÃO DO ABORTO NO BRASIL	70
"TINHA PESADELOS, DIA E NOITE, COM BEBÊ"	72
O DESESPERO E AS CONSEQUÊNCIAS DO ABORTO.....	76
A INTERNET	78
UMA SAÍDA NO AMPARO DA CASA PRÓ-VIDA	81

Prefácio

“Não tenhais medo!” O apelo de Jesus Cristo aos seus discípulos parece ressoar em cada página desta obra. Nela, o que não falta é coragem. Primeiramente, do padre Silvio Roberto, que, sensível às necessidades da humanidade deste tempo, funda, na capital paranaense, a Casa Pró-Vida, com o intuito de oferecer toda a assistência a mulheres desesperadas diante de uma gravidez.

Coragem de centenas de mães, que, em meio ao drama de uma gestação inesperada, das dificuldades financeiras e da ausência da figura paterna ao lado, romperam com os próprios esquemas e encontraram uma nova alegria, ao buscar apoio na instituição. Coragem, sobretudo, da autora, que aborda um tema de tantas faces e nuances, com a sensibilidade singular daqueles que presenciam milagres todos os dias.

A Casa Pró-Vida Mãe Imaculada nasceu em 12 de dezembro de 2012, dia de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América, que, em uma de suas aparições, diz ao índio Juan Diego “Escute, meu filho, não há nada que temer, não fique preocupado nem assustado”. Prova de que nada na trajetória da instituição é coincidência, mas a Providência tudo permeia.

Em quase cinco anos de história, são mais de 300 mulheres atendidas. Nem todas optam por dar prosseguimento à gestação, é verdade. Trata-se, como frisa a autora, de um trabalho de estender a mão, não de con-

vencimento. Às mães que buscam a Casa, e aos seus filhos, é oferecido amparo, por meio de acompanhamento psicológico, assistencial, médico, jurídico e material.

Grande parte das mulheres encontra a instituição pela internet, na maioria das vezes, em busca de informações sobre como fazer um aborto. A decisão não é fácil. A violência sexual, o abandono do companheiro, o medo da opinião alheia, a vergonha e insegurança de ter um filho de uma relação casual, a ausência de recursos financeiros, o receio da reação dos pais e a frustração dos planos pessoais e profissionais estão entre os principais fatores que levam gestantes a cogitar – e realizar – um aborto. Ato que deixa marcas eternas.

Amparadas pela Casa Pró-Vida, as 14 mulheres ouvidas neste livro encontraram, tal qual Francisco de Assis, doçura naquilo que lhes era extremamente amargo. “Foi uma sensação gostosa ter deixado ela nascer, não ter feito nada de errado, como ter evitado de ela ter uma vida. Nem sei explicar a felicidade. Nasceu perfeita”, conta uma delas.

Relatos que servem de testemunho e encorajamento para outras mulheres em situação semelhante. “Com minha história, ajudo a mudar a história de outras pessoas. Uma coisa é você dizer ‘fulano passou por isso’, outra coisa é você dizer ‘eu passei por isso’”, afirma outra mãe assistida pela Casa.

Amparo, acolhida, sustento, paz. Este livro é uma prova concreta de que ir ao encontro do sofrimento da humanidade é romper com a solidão, trazer esperança

para a dor e ajudar a construir uma nova história. Para as mães e para seus filhos.

Bruna Komarchesqui

Curitiba-PR, novembro de 2017.

Introdução

O tema aborto e seu universo. Universo, porque aborda várias áreas – a médica, jurídica, social, política, econômica, religiosa, entre outras. Pincelar tamanha discussão é complexo, mostrar o problema, que não é somente um problema, mas vários problemas, várias questões.

Por muito tempo, o aborto foi um assunto de mulheres, de amigas. É uma realidade que intimida, traz consequências, e várias opiniões. Uma capa da revista *Veja*, em 1997, expõe tal situação. A voz das famosas que abortaram soa como uma confissão. Um segredo muito pessoal, revelado.

Duas pessoas estão no centro do debate: a mulher e o nascituro. Não é passado. O livro expõe a problemática baseado em 14 histórias de mulheres que pensaram em abortar, mas decidiram continuar a gravidez depois de conhecer o trabalho da Casa Pró-Vida. Ressalta-se que as entrevistas foram feitas sem um roteiro fixo. Ou seja, os temas tratados por elas nasceram da conversa e da partilha. Os relatos pautam este livro.

A instabilidade financeira abala emocionalmente, acaba com as seguranças. As mulheres que descobrem a gravidez e estão numa situação financeira difícil recorrem ao aborto ao se deparar com a dificuldade em que vivem e com a dificuldade em que a criança pode vir a viver. Tudo se passa Depois daquele dia, que pode

marcar o dia que a mulher engravidou, ou que descobriu a gravidez. O dia que encontrou a Casa Pró-Vida ou o dia em que ela decide continuar a gravidez. O abandono pelo pai contribui para que a mulher se sinta sozinha, sem apoio algum em relação ao seu filho. Por outro lado, muitas se disseram surpresas com a atitude de acolhimento da família. Não esperavam, mas encontram um suporte.

No Brasil, o aborto é ilegal, mas é descriminalizado em casos de estupro, risco de vida para a mãe e para fetos com anencefalia. As discussões permeiam os direitos reprodutivos da mulher, direito à vida do nascituro e a percepção e sentido da maternidade. Há mulheres que, mesmo nos casos de violência, optam por ter o filho. As entrevistas trazem tal questão.

O trabalho da instituição de acolhimento e atendimento a mulheres que pensam em fazer o aborto nasce como uma missão, dentro do espírito apostólico e pastoral da Igreja Católica, em resposta ao que a humanidade vive neste tempo. O sentimento de alívio ao encontrar o amparo da Casa Pró-Vida coloca em debate, entre outros temas, os riscos e consequências do aborto.

A entrega da criança para adoção é percebida como uma das vias diante desta situação delicada. A gravidez é desejada por muitas, que dão entrada na fila de adoção; e indesejada para outras, que procuram o aborto.

Como dito de início, este trabalho se propõe a pincelar, mostrar para o leitor muitas questões que en-

volvem o debate sobre o aborto, baseado nas entrevistas. Em resumo, são muitas as faces, as camadas, as dores e as alegrias. É disso tudo que tratam as páginas que se seguem.

”Todos os problemas do mundo pareciam estar em minhas costas”

F. tem 23 anos, é solteira, mãe de um menino e engravidou de um namorado ocasional, em meio a turbulências pessoais e profissionais. Na ocasião, estava prestes a sair do emprego, devido a uma depressão desencadeada pelo estresse no trabalho. Pensou em interromper a gravidez, até que conheceu a Casa Pró-Vida Mãe Imaculada.

“Digo que a história da minha filha começou antes da gravidez, porque tinha me separado e estava com problemas no trabalho. Me sentia no meu limite. Não aguentava mais trabalhar. Fazia tratamento para depressão. Todos os problemas do mundo pareciam estar em minhas costas. Como tinha acabado de me separar, estava naquela fase da badalação.

Sempre fui evangélica. Segui os princípios e no fim do ano fiz uma viagem com a família. Foi quando refleti. ‘O que estou fazendo da minha vida? Estou com minha família acabada, num emprego que não suporto, que está me fazendo mal’. A história de sair e ficar com pessoas pelas quais não sentia nada não estava me fazendo bem. Foi nessa hora que disse ‘chega’. Não quero isso pra mim. Na ocasião, descobri que estava grávida.

Não contei para ninguém. Fiquei naquela de ‘não pode ser, não pode ser’. A depressão me deixou quase uma semana sem levantar da cama. Tanto que meu filho mais velho teve de ficar um pouco na casa do pai dele. Minha mãe me fez levantar. Naquele dia tomei banho e o cheiro do xampu embrulhava o estômago. Sentei no sofá e falei: ‘Mãe, tô grávida’. Minha mãe me ajuda muito. Graças a Deus eu tenho ela.

Comprei um teste de farmácia e, para meu desespero, deu positivo. Meu mundo caiu: ‘O que vou fazer da minha vida?’. Não tem como sair da empresa com dois filhos e ainda um filho de uma pessoa que não amo, com quem não quero ter convivência. Sabia que não tinha futuro. Não gostava dele, assim como ele não gostava de mim. Era só aquilo e pronto, acabou.

Minha mãe me perguntou: ‘E agora, o que você vai fazer?’. Respondi: ‘Eu vou tirar’. Em seguida veio minha revolta com Deus, afinal, estava tentando me aproximar da igreja. Poxa, Deus pode tudo, por que agora que estou tentando mudar aconteceu isso? Foi responsabilidade minha não ter me cuidado, mas por que Deus permitiu?

Me afundei de vez. Estava em depressão, grávida, tinha um relacionamento muito ruim com o pai do meu primeiro filho. Pela depressão, via meu filho se afastar de mim, porque sempre tinha que deixá-lo com o pai. A questão da empresa era o que mais me afligia no momento.

A primeira coisa que vem à cabeça é o tal do chá. Pesquisei e tomei, tudo, tudo. Se estivesse escrito na internet ‘tome xixi puro’, tomava. Comecei a ter sangramentos. Fui fazer uma ecografia e vi que era só um mínimo descolamento na placenta. Continuei com o chá.

Quando fui fazer ecografia, falaram: ‘Olha, mãe, você tem que fazer repouso, porque o sangramento pode aumentar e causar um aborto’. Cheguei em casa e arrastei todos os móveis para fazer esforços. Só cansei, porque não resolveu nada. Quando vi que não dava mais, fui atrás de remédios.

Na internet dizia que traficantes vendiam remédios. Passei um dia inteiro numa praça. Pensava em como chegar num traficante. Não podia contar com ninguém para me ajudar. Até os traficantes falam que é para não fazer isso, que é uma besteira, que faz mal.

Até que vi um rapaz vendendo droga e perguntei se tinha o que eu procurava. Disse que não, mas que conhecia alguém que podia me ajudar. Comprei o remédio por R\$ 800. Não fez nem cócegas. Minha mãe sempre dizia: ‘Não faz isso’. Ela estava ali do meu lado, mas não concordava. Continuei a pesquisar. Fiz orçamento numa clínica de aborto: R\$ 2,5 mil.

Nesse período, encontrei a Casa Pró-Vida Mãe Imaculada. Não fiz nada até conversar com alguém da casa, porque ali havia acompanhamento psicológico. Naquele momento em que eu pensava no aborto, tinha pensamentos horríveis, pesadelos durante a noite. Minha mãe dormia comigo.

A gente não vê outra saída, tudo nos cega. Eu não tinha medo de morrer, de me machucar, de ter um câncer, de não ter mais filhos tentando abortar.

Me sugeriram ter o filho e entregar para a adoção. Disse que não. Porque não queria que ninguém me visse grávida. Não queria me ver barriguda, tendo de dar satisfação para as pessoas. Me sugeriram passar um tempo num convento, que tem uma parceria com a casa, para ter o filho lá. Me abri um pouco. Decidi não fazer o aborto e também comecei a pensar no meu filho mais velho.

Mas ainda pensava muito. Como ia me virar com duas crianças?

Conversei com uma menina da igreja que eu frequentava, me abri e ela me contou sua história: a mãe dela tinha tentado abortá-la. Quando a moça saiu da

minha casa, parecia que eu tinha perdido aquele medo, a angústia. Decidi ter e criar minha filha. Falei com minha família, as pessoas perguntavam quem era o pai. Foi um pouco difícil. Poucos vêm para ajudar. Mas aí a gente se agarra em Deus.

Pude contar muito com minha mãe, meu pai e a Casa Pró-Vida. Comprei pouca coisa para minha filha. Ganhei tudo. Meu pai está me ajudando e minha mãe sempre do meu lado. Quanto ao pai do bebê, fui atrás dele, mas não pedi ajuda. Falei que estava grávida, que queria tirar e o preço do remédio. Ele me deu o dinheiro e sumiu.

Hoje, vejo que estava cega. Sempre quis ter uma menininha, é um presente. E aconteceu de me aproximar de pessoas que pensam igual a mim. Com minha história, ajudo a mudar a história de outras pessoas. Uma coisa é você dizer ‘fulano passou por isso’, outra coisa é você dizer ‘eu passei por isso’.

E nunca falta nada para os dois. A partir do momento que se diz sim à vida, opta-se pelo caminho do bem. Tudo vai acontecendo pelo teu bem, vai se encaixando. Lógico que há gente que não tem situação nenhuma de criar um filho, mas se tiver um pouquinho, não entregue para a adoção, porque o transtorno que fica na cabeça da criança será muito grande. Às vezes, a gente pensa muito na gente e não vê o próximo. É uma outra vida, sempre é uma outra vida.”

A Casa Pró-Vida Mãe Imaculada

“No primeiro atendimento que fizemos, a gestante foi abusada e chegou para nós com a decisão de não fazer o aborto, mas precisando de acompanhamento. Perguntei para ela: ‘Você foi abusada e mesmo assim não vai abortar, por quê?’. Ao que respondeu: ‘Padre, quando eu estava sendo abusada, a pessoa ia me matar. Pedi para Deus salvar minha vida e como ele (o agressor) não me matou, como teria o direito de matar essa criança?’” **Silvio Roberto, padre.**

Padre Silvio Roberto, MIC¹ é fundador e diretor da Casa Pró-Vida Mãe Imaculada (MI), em Curitiba, capital do Paraná. Aos 20 anos, saiu de Mongaguá, interior de São Paulo, para viver sua vocação ao sacerdócio. Ordenado, descobriu que a vida lhe reservava um chamado ainda mais específico, o sacerdócio em defesa da vida.

Cabe lembrar o versículo bíblico que diz: “Porque onde está o teu tesouro, lá também está seu coração”². Padre Silvio é um homem que encontrou seu tesouro e nele coloca seu coração, dia a dia. Faz o tipo sério, com licenças para ser um “pai” brincalhão. Sua seriedade se desmancha na convivência com os filhos espirituais, talvez porque uma pessoa concentrada o tempo todo não iria dar conta das centenas de crianças já nascidas pelo trabalho da Casa Pró-Vida.

Para o religioso, a história da instituição foi moldada por sinais que o acompanham desde a época do seminário. Em uma das paróquias à qual serviu, encontrou um bebê abandonado no cesto de lixo de um estabelecimento próximo. Hoje, percebe nesse episódio um sinal.

Estudou nos Estados Unidos por um período e lá teve contato com a realidade de lugares em que o aborto

1 Sigla da congregação dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (MIC), instituto religioso ao qual padre Silvio pertence. O padre Estanislau Papczynski (hoje Santo Estanislau de Jesus e Maria), fundador da congregação, é considerado padroeiro da vida.

2 Mateus 6, 21

é legalizado. Ele e mais alguns seminaristas iam rezar em frente às clínicas de aborto. “Numa ocasião, nós vimos uma mulher entrando na clínica. Passou por nós, mas mal entrou e já saiu. Veio até nosso grupo e disse: ‘Eu vim aqui hoje para fazer um aborto, mas desisti ao ver vocês em oração’. Aconteceu um milagre, uma vida salva.”

Os sinais foram se concretizando, a oração se tornando obra. A Casa Pró-Vida Mãe Imaculada foi inaugurada dia 12 de dezembro de 2012. O trabalho se caracteriza pelo atendimento a mulheres que estão em risco de fazer o aborto, dando o amparo e acolhimento necessários para a gestante e para a criança.

A cofundadora e gestora da Casa Mãe Imaculada, Jane Maria de Andrade, é responsável pela maior parte dos atendimentos. O local conta com uma equipe de dez mulheres que fazem o primeiro contato com as gestantes que procuram a instituição. Formam o Núcleo Vida, o coração da obra. Até julho de 2017, a casa atendeu mais de 300 mulheres. Ao desistirem do aborto e até mesmo enquanto estão neste conflito entre abortar ou não, recebem auxílio e acompanhamento psicológico, assistencial, médico, jurídico e material.

O primeiro contato com a gestante que encontra a casa pode ou não ser feito na estrutura da instituição. As mulheres estão vivendo um período de desespero, confrontos e medos em meio a uma gravidez inesperada. A maioria das atendidas encontra a casa pela internet, pelo site, e-mail, Facebook ou indicação. Na primeira comunicação, o acolhimento e a opção de continuar a

gravidez.

A casa se localiza no bairro Sítio Cercado, na periferia Sul de Curitiba. O local é sóbrio. No seu interior, detalhes da decoração que lembram maternidade e criança. Há um quarto com doações de fraldas – o tipo de ajuda mais pedido pelas mães atendidas. Num outro quarto, que pode ser comparado a um guarda-roupas, são guardados os enxovais de bebê.

Há também uma sala com uma pintura peculiar, chamada de árvore da vida. Nos galhos estão as fotos das crianças nascidas. A casa é sustentada por benfeitoria e por doações. O atendimento não é restrito a Curitiba e região: mulheres de outros estados também podem ser atendidas. Em Milhã, CE, e em Cianorte, PR, há um grupo de mulheres que fazem parte da Casa Pró-Vida Mãe Imaculada e começam a desenvolver o trabalho da instituição nestas cidades e/ou regiões.

O local não tem a estrutura de uma casa lar, onde as mulheres poderiam morar, por exemplo; nem de um orfanato. É uma casa normal, com alguns quartos, que servem de salas para a administração, doações, reuniões. Há também uma sala de estar com televisão e uma estante com livros. Nos fundos ficam a cozinha e um pequeno salão para eventos e atividades; ali também há uma capela. No quintal, existe uma gruta dedicada a Nossa Senhora de Lourdes. As mulheres vão até a casa para ser acompanhadas, buscar doações, participar de alguma oficina, entre outras atividades.

A mulher chega na recepção com seu filho no

braço, feliz pela decisão de continuar a gravidez, conta como foi a semana, ou algum feito do filho, enquanto espera uma voluntária separar as doações solicitadas por ela. Fala também sobre as necessidades que está passando, se o filho está bem ou “doentinho”. Ali, sente-se como na casa de uma mãe, onde recebeu acolhida e apoio quando mais precisou.

O serviço é composto por núcleos que desenvolvem o trabalho de promoção da vida desde sua concepção até a morte natural. Em cada um desses núcleos os interessados podem se tornar voluntários ou se voluntariar sem pertencer a um núcleo específico. São dez núcleos:

Núcleo Vida: responsável pelo primeiro contato e acompanhamento da gestante.

Núcleo de Estudo e Formação: estuda os temas relacionados à defesa da vida, para formar as pessoas.

Núcleo da Espiritualidade: responsável pela intercessão e liturgia nos eventos e serviços da casa.

Núcleo Jovem: rapazes e moças são formados em temas relacionados à defesa da vida e os levam a outros jovens.

Núcleo de Eventos: responsável pela organização da agenda social da instituição.

Núcleo de Marketing: responsável por dar publicidade às ações da casa.

Núcleo da Comunicação: assessoria, produção de conteúdo e mídia social da casa.

Núcleo Família: acompanha as mães e as famílias que já deram à luz, visitando-as, levando espiritualidade para dentro dos lares.

Núcleo Social: responsável pelo trabalho de assistência social às mulheres atendidas e por um bazar que a casa administra (Bazar MI).

Núcleo dos Benfeitores: formado por pessoas que ajudam financeiramente a instituição, com doações mensais ou esporádicas.

Todo o apoio é dado durante a gravidez e pós-parto. O bebê e a mamãe mais velhos da casa ainda são acompanhados pela instituição, que conta com voluntários (chamados também de colaboradores), funcionários e benfeitores. Esses últimos contribuem financeiramente com a obra. “Acho que nosso trabalho tem de se estender para essas crianças que estão vindo aí, que vão precisar de educação e tudo mais”, enfatiza o padre.

Discussão Global

“Eu tive muitas pessoas me aconselhando para fazer o aborto. No meio de tanta gente, teve alguém que salvou uma pessoa a mais no mundo.” M. relata sobre a primeira vez que foi acompanhada pela Casa.

Dentro da sua dimensão populacional e demográfica, o aborto está na ótica político-econômico dos países. De acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), a população mundial chegou a 5 bilhões em 11 de julho de 1987, e atingiu a marca de 6 bilhões de pessoas em 12 de outubro de 1999. Hoje essa escala é de 7 bilhões. Em meio a tamanha expansão, o crescimento populacional causa apreensão pelas implicações à vida humana, como pobreza, saúde e envelhecimento, abastecimento inadequado de alimentos e carência de água potável. Nesse contexto, a discussão sobre o crescimento populacional ganha ênfase e traz o aborto como umas das formas de contê-lo.

O Conselho Populacional foi fundado na década de 1950 nos Estados Unidos, por John Rockefeller III. A formação do conselho se deu pela preocupação com o crescimento mundial da população, sobretudo nos países de Terceiro Mundo. Uma das prioridades estratégicas do conselho é expandir e melhorar acesso, escolha, equidade, e qualidade em contraceptivo e serviços seguros de aborto.

Tal preocupação com a explosão demográfica e suas consequências dá o passo inicial e passa a desenvolver mecanismos para o planejamento familiar. Em 1952 é constituída em Londres a Federação Internacional de Planejamento Familiar (IPPF), que tem o debate sobre o aborto entre suas prioridades. Num primeiro momento a legalização do aborto e a contracepção foram vistos como uma forma de controle demográfico, e até mesmo a emancipação da mulher foi utilizada como estratégia.

O documento *National Security Study Memorandum 200: Implications of World Wide Population Growth for US Security and Overseas Interests*, de autoria do então secretário de estado americano, Henry Kissinger, de 10 de dezembro de 1974, trata das implicações do crescimento populacional. Seguindo recomendações do Plano de Ação Mundial de População adotado na Conferência Mundial da População, os países que trabalham para alterar os níveis de fertilidade deveriam dar prioridade ao desenvolvimento de programas e estratégias de saúde e educação que tenham efeito decisivo na fertilidade. A cooperação internacional deveria dar prioridade a auxiliar os esforços nacionais.

Esses programas incluem melhorias nos cuidados com saúde e nutrição para reduzir a mortalidade infantil; educação e melhoria no status social para as mulheres; aumento dos empregos femininos; melhoria na segurança dos idosos; e assistência à população rural pobre, que em geral tem fertilidade mais alta, com ações para redistribuir renda e recursos inclusive pela provisão de fazendas privadas.³

Depois deste primeiro período em que o aborto foi apresentado nas discussões globais, o tema aparece ligado aos direitos humanos e/ou direitos reprodutivos da mulher, em encontros, conferências e organizações internacionais. Porém, nestes debates não entra em discussão o direito do nascituro, ou o direito fundamental à vida, o que pode ser apontado como incoerência das agendas globais.

3 http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/Pcaab500.pdf

A situação financeira

“Não, não dá pra gente viver de amor, eu falava para meu marido.” P., casada e mãe de dois filhos.

A situação financeira é um dos principais motivos para as mulheres entrevistadas pensarem em fazer o aborto. “Como vou me sustentar? Pagar aluguel? Pagar as contas? Sei lá, a única coisa que tinha na cabeça é como ia dar conta de tudo isso. Eu só chorava”. N. conta que tais questionamentos contribuíram para o desespero durante a gestação. Ela veio do Amazonas em busca de melhores condições de vida. Depois de um ano em Curitiba, engravidou.

“Nossa situação financeira era muito difícil. Meu marido ganhava um salário mínimo, eu trabalhava com vendas. Não tinha dinheiro. Cortamos telefone, internet. Cortaram nossa luz”, recorda P.

“Ficava pensando: como vou comprar as coisas para o bebê, o que vai ser dessa criança?”, diz N., que descobriu estar grávida de gêmeos.

O aborto na história da mulher não é pura e simplesmente uma falta de interesse na criança. Costuma-se ter atenção pelo bebê, mas há também várias causas externas, como falta de condições financeiras, que, infelizmente, acabam relativizando o valor e dignidade da vida da criança e da mulher-mãe.

“Depois que conheci a Casa Pró-Vida, me tranquilizei bastante. Até então, estava sozinha. Como meu marido ganhava um salário mínimo, valor que não paga nem o aluguel, a casa me deu suporte. Qualquer coisa, eu tinha para onde correr.” P. faz o tipo “dureza”, quando reconhece tamanha falta de condições financeiras. Porém, contando sua história, emociona-se ao olhar

para o filho e enxergar que valeu a pena continuar a gravidez.

Dentro do movimento Pró-Vida,⁴ há instituições que dão respaldo material para as mães que estão em risco de praticar o aborto. Além da Casa Pró-Vida Mãe Imaculada, existe também a Associação Pró Vida em Anápolis (MG), a Santos Inocentes, em Brasília, Associação Guadalupe, em São José dos Campos (SP), entre outras.

“Quando descobri que estava grávida, levei um choque, porque não morava com minha mãe, não tinha condições e tinha outros cinco filhos. Como vai ser? Minha necessidade era forte”, diz S., que não tem uma boa relação com a mãe. Segundo S. relata, a avó batia nos netos, por isso tinha medo que o próximo bebê também sofresse.

Em Curitiba ainda não existe uma casa de acolhimento para mulheres, que funcione como um lar, um lugar para morar. Existe uma “parceria” com uma congregação religiosa de Joinville, Santa Catarina, das Irmãs Carmelitas Mensageiras do Espírito Santo. A congregação é responsável pela Associação Beneficente Renascer Casa da Gestante, que acolhe grávidas, puérperas (mulheres que acabaram de dar à luz, fase pós-parto) e seus filhos em situação de risco ou vulnerabilidade social.

Ali, as mulheres podem ficar durante toda a gestação e após o nascimento da criança. Durante o tempo

⁴ As pessoas que estão na linha de frente na luta pela proteção da vida humana, da concepção à morte natural, ganharam o nome movimento pró-vida.

de acolhimento participam de cursos de profissionalização, como oficina de manicure. Assim que começam a praticar, toda a renda reverte para a própria mulher. Em paralelo, é regularizada a situação da mãe e do bebê, como documentação, registros, benefícios do governo, questões jurídicas.

”No fim, ele simplesmente sumiu”

Após a separação, V. engravidou de um novo relacionamento. Contava 25 anos quando descobriu que seu novo namorado tinha uma outra família. Terminou o relacionamento e decidiu procurar o aborto. O pai da criança não mantém contato algum.

“Eu fui casada durante oito anos com o pai da minha filha, que vai fazer 3 anos. Em janeiro, a gente se separou. Faz quase 9 meses. Acabei me envolvendo com outra pessoa. Aconteceu de eu engravidar, por falta de cuidado dos dois lados.

Antes de eu saber que estava grávida, tive uma decepção muito grande com esse rapaz com quem eu estava. A gente ficou junto uma semana e pouco. Ele fazia juras de amor. Como eu estava recém-separada, acreditava em tudo que me falava. Na verdade, descobri que era casado, que tinha uma filha de 4 meses.

Foi uma decepção bem grande. Terminei com ele. Minha menstruação atrasou. Fiz o exame e estava grávida. Até então eu pensava que a criança era do meu ex-marido. Fui fazer a ecografia e entendi que não era dele, pelo tempo de gestação. Fiquei desesperada, sem saber o que fazer.

Conversei com uma amiga. Falei pra ela: ‘Preciso fazer qualquer coisa. Preciso tirar essa criança, porque não quero’. Ela me ajudou, pesquisou na internet, me passou o contato da casa. Marcamos um encontro.

Para o pai do bebê, contei uns três, quatro meses depois. Prometeu muita coisa. Falou que ia me ajudar, isso e aquilo. No fim, simplesmente sumiu, trocou de número de telefone. Não faço questão.

Fui até o pessoal da casa e estava sendo acompanhada pela psicóloga. Acho que a consciência da mulher nunca mais volta ao normal, porque querendo ou não, é uma vida. Acho que é pior ainda, porque se trata de

uma vida indefesa. A proteção do neném, na verdade, sou eu. Hoje em dia penso totalmente diferente, por que eu tentei. Nossa... tomei chá, pesquisei. Tem muita coisa na internet sobre isso. Eu tomava tudo que mencionava. Demorou um pouco para eu aceitar a gravidez, mas hoje em dia estou ansiosa pela hora dele chegar. Estou organizando o que tem de organizar.

Depois que continuei a gravidez, estava decidida a dar o bebê. Quando nascesse eu ia dar para o pai dele, que ia levar embora ia cuidar. Foi bem difícil, mas resolvi ficar com a criança. Agora vejo a felicidade da minha filha. Ela vai ter um irmão.

Ficava imaginando: vou abortar. Sonhava com isso. Imaginava que tinha abortado, escutava choro de criança. Até falei para quem me acompanha: ‘Imagine se eu realmente tivesse abortado. Acho que tinha ficado louca. Porque se antes de fazer já tinha esses pensamentos, imagine depois’. Seria a mesma coisa que matar a minha filha.

A minha barriga começou a aparecer depois que aceitei. Antes disso, não tinha barriga. Eu me olhava em frente ao espelho, procurava usar roupa larga, roupa que não mostrasse. Depois que assumi, falo que até parece que minha saúde melhorou, porque antes eu vivia doente. Vivia passando mal. Volta e meia estava de atestado no serviço, porque não estava bem. Ou era pedra no rim, ou era começo de aborto, ou descolamento de placenta. Sempre tinha alguma coisa. Hoje estou de 7 meses.”

O homem que abandona

“O pai foi para outro lugar, nunca mais me ligou. O bebê é a cara dele, os olhinhos são verdes. O pai tinha os olhos verdes.” A., acolhida na Casa Pró-Vida em 2014

O abandono do pai é uma realidade presente na história da mulher que pensa em fazer um aborto. O “sumiço” do parceiro completa a situação de desamparo e insegurança das mulheres.

“Quando fui atrás do pai da minha filha, não fui pedindo ajuda. Falei que estava grávida e queria tirar e o preço do remédio é tanto. Ele me deu o dinheiro do remédio para tirar e sumiu.” F. não teve mais contato com o pai da sua filha.

A Casa Pró-Vida oferece apoio jurídico para as mulheres. Ali são amparadas legalmente em relação à ausência da responsabilidade do pai, recebem orientação sobre pensão alimentícia, guarda compartilhada e outros assuntos relacionados à mãe e seu filho. De acordo com os advogados a serviço da casa, os dois maiores tipos de solicitações são para pensão alimentícia e investigação de paternidade, o teste de DNA. “Descobri que estava grávida, e eu era sozinha. Não tinha muito contato com o pai da criança”, conta G.

A insegurança se torna maior quando a relação foi casual. Muitas vezes, o pai da criança não é o marido, nem namorado. “A relação sexual tivemos apenas uma vez e nunca mais nos vimos”, diz uma delas. Frases semelhantes se repetem:

“Chegou a hora de contar para o pai do bebê. Ele falou que não era dele, porque o tempo não batia. E que se eu tivesse falado antes, pagaria para comprar o remédio e abortar, que não queria saber. Agora estou em processo de DNA.”

“A gente ficou junto uma semana e pouco. Ele fazia juras de amor. No fim, ele sumiu.”

“Sabia que não tinha futuro. Não gostava dele, assim como ele não gostava de mim. Era só aquilo e pronto, acabou.”

O trabalho da Casa Pró-Vida está atento a tais situações, mas de maneira nenhuma substitui o papel do pai. Sendo casada, ou não, estando namorando, ou não, a mulher, quando pensa em fazer o aborto, muitas vezes tem esse pensamento pelo fato de se sentir desamparada, sozinha na gravidez. Poderia ser diferente se o pai da criança assumisse, apoiasse a parceira e o bebê na gravidez.

“Ele me falou: se for meu filho, só vou pagar pensão e não vou ver. Não quero saber, não quero nada. Nisso, todo mundo desmoronou lá em casa, porque o dinheiro em si, a gente trabalha, vai atrás, dá um jeito. Mas a função de pai, não sou eu quem vai poder fazer”, destaca M.

Apoio da família e a opinião das pessoas

Paralelo à relação com o pai da criança, há a relação com a família da mulher. O medo da reação dos pais também está presente nesse período. Eles, por sua vez, têm aceitado e acolhido a mãe e o bebê. “A minha preocupação era com o meu pai. Conte para ele. Cho-

rou, chorou e me disse assim: ‘Jamais vou te expulsar de casa’”, conta M., aliviada por “abrir o jogo” para a família.

A reação dos pais é muito importante para a gestante, para o seu emocional. Vai além da opinião. Trata-se do tamanho significado e importância que o pai e mãe têm na vida dessas mulheres. Os pais surpreendem. Antes há o pensamento de que a mãe não pode saber, o pai vai expulsar de casa, mas a atitude positiva acaba aliviando as mulheres.

Além dos pais, na vida de H. o apoio do filho mais velho foi fundamental. Ela descobriu que estava grávida aos 41 anos [**leia depoimento a seguir**]. Seu outro filho tinha 20. Conta que esperava que a sua família fosse abandonar, julgar, mas aconteceu o contrário. “Meu filho falou: ‘Mãe, a gente está junto’. Abraçou-me e foi nesse momento que nossos laços se cruzaram com nosso pequeno”.

Quando acontece de a mulher contar aos seus e continuar a decisão de fazer o aborto, muitos familiares tendem a não apoiar tal decisão. Ainda assim, costumam ficar ao lado da gestante. Ele me dizia: ‘Gravidez não é uma doença. Nós criamos um, nós criamos dois’, relata P., sobre o companheirismo do seu companheiro.

“Ele escutou e não me julgou”. L. contou para seu marido sobre a gravidez e o desejo de fazer um aborto. Ele não apoiava a ideia, mas continuou ao seu lado. “Eu iria acabar com a vida do bebê, com a minha e com a do meu marido”, enfatiza L. sobre as consequências que o

aborto causaria nela como mãe e em seu marido, como pai da criança.

Muitas são as vozes durante a gestação da mulher. A opinião, os comentários podem contribuir para o nervosismo durante esse período. “Eu sou casada há quatro anos. Meus dois outros filhos são dele. Meu relacionamento é normal. Quis abortar porque eu pensava no que os outros iam falar”, diz C., para quem o único motivo para querer abortar foi o julgamento alheio.

A mulher se desespera ao pensar o que irão dizer, o que vai passar pela cabeça das pessoas quando virem a barriga crescer, ou quando contar que estão grávidas. “Vou ter um bebê de uma relação passageira. Tinha vergonha da situação que eu me envolvi”, comenta H., que carregou o mesmo sentimento de muitas das mulheres: o mal-estar em encarar a explicação e justificativa que os outros cobram de uma mulher grávida.

Ao assumirem a gravidez, as gestantes partilham ser um momento de grande alívio em suas vidas, uma libertação do desespero sentido em relação ao julgamento dos outros. “Acabou virando uma festa. O que para mim era uma coisa impossível, se tornou possível”, relembra H.

“Essa situação não
encaixava na minha vida.”

H. era solteira e não pensava em engravidar, não fazia mais parte dos planos. Tem um filho com 20 anos, que está sempre a seu lado. Ela, porém, passou por um período de surpresa e desespero ao descobrir a gravidez.

“Eu não esperava engravidar. Estava com 41 anos, não fazia mais parte da minha vida. Pra mim, era uma coisa impossível, mas acabou acontecendo. Me envolvi com uma pessoa. Foi uma coisa rápida. Tinha acabado de conhecer e acabei tendo uma relação e dessa única relação engravidei.

Naquele momento, a minha resposta foi que não havia possibilidade de ter a criança. Meu primeiro pensamento foi abortar.

Morava com meu filho mais velho (com 20 anos), com meu pai, minha mãe, com meu outro irmão. Não tinha nenhum espaço para abrigar uma criança e essa situação não encaixava na minha vida. Como eu ia trabalhar? Quem ia cuidar do bebê? Planejava fazer uma pós-graduação.

Não tinha nem condições financeiras, nem espaço para cuidar da criança. Como ia dizer para minha família, como ia dizer para o meu filho de 20 anos? ‘Olha, eu tô grávida. Vou ter um bebê de uma relação que passageira’. Tinha vergonha também da situação em que me envolvi.

Quando descobri, não contei para ninguém. Só eu sabia. Descobri porque trabalho numa clínica de imagens. Eu mesma fui até o aparelho. Minha menstruação estava atrasada, mas imaginava que ia entrar na menopausa. Coloquei o aparelho na minha barriga e percebi que tinha algo diferente. Tinha lá o saquinho gestacional. Fiquei desesperada.

Comecei tomando chá, vários tipos. Tudo que

achava, tomava. Tomei coisas fortes mesmo. Só que não tive nenhum resultado. Eu ia ao aparelho, verificava e estava ali o bebezinho.

Mandeí um e-mail para um site sobre clínica de aborto e alguém me respondeu falando que em Curitiba não tinha nenhuma casa especializada. Devido a algumas denúncias, as instituições clandestinas tinham sido fechadas. Havia uma em Santa Catarina. Se eu quisesse, poderia ir para lá fazer o aborto. Falei que não podia ir porque estava trabalhando e não iria me deslocar. Não sabia quem eram, não ia me expor. Estava louca, mas não tanto.

Entreí em sites e alguém me falou da Casa Pró-Vida, que poderia me ajudar. Liguei, marquei um dia. Eu já estava depressiva, emagrecendo, num estresse, não dormia mais. Estava me intoxicando de tanto tomar chá. Estava no limite, e sem conversar com ninguém, sem ninguém saber.

Nos acompanhamentos, o pensamento de aborto foi sumindo. Comecei a me imaginar com a criança, assumindo tudo aquilo. Havia um medo de, ao assumir, destruir tudo que eu construí. De repente, chegar em casa, falar que estava grávida. Mas grávida de quem? Meu medo era de que tudo que eu construí caísse por terra.

Tinha decidido ficar com o bebê, conversar com minha família e a Casa Pró-Vida estava disposta a ajudar em tudo que precisasse de ajuda. Decidi e não relutei mais.

Cheguei em casa, fui até o quarto e falei ‘filho...’. Comecei a chorar, chorar. Quando falei pra ele, foi uma coisa totalmente diferente daquilo que imaginava. A gente sempre imagina o pior, que vão te virar as costas, te abandonar, te julgar. Talvez muitas pessoas te julguem, mas muitas pessoas nos dão apoio.

Ele falou: ‘Não, mãe. A gente tá junto’. Ele me abraçou e foi nesse momento que nossos laços se cruzaram com o nosso pequeno.

Foi totalmente ao contrário daquilo que eu imaginava. Minha mãe é a que ficou mais chocada, porque mãe tem aquela imagem, minha filha mãe solteira, aquele pensamento, né, no que os outros vão falar. Fui trabalhar, contei na empresa também. Avisei o RH que eu ia ter um bebê, que estava grávida.

Não foi fácil, mesmo com todos aceitando. Demorei para me imaginar, ser mãe de novo, engravidar, ficar sozinha. Tentei falar com o pai da criança. Ele não quis saber, mudou os telefones, fugiu, evaporou. Mesmo depois que meu filho nasceu, fui atrás, mas o pai sumiu. Vou cuidar do meu filho e seguir minha vida.

Minha mãe não me expulsou de casa. Mas nesse período tomei uma decisão: sair de casa, alugar um apartamento, mobiliar essa casa. O enxoval de bebê foi a Casa Pró-Vida que me ajudou a fazer. Hoje estou aí com meu apartamento alugado, comprei minhas coisinhas, está mobiliado. Meu filho está super bem, tá lindo, é minha vida. Não consigo imaginar minha vida sem ele. Tento apagar da minha cabeça o que eu poderia ter fei-

to. Se tivesse feito isso, não ia conhecer este rostinho maravilhoso.

O aborto naquele momento era a única saída. Sentia medo, desespero, como se o mundo tivesse desabado. Nunca pensei em me suicidar, em pôr um fim na minha vida. Mas naquele momento, pensei muitas vezes. Não em colocar um fim só na vida dele, mas na minha também.

E depois de tudo isso, hoje sinto paz. Vejo como sou forte. O caminho não é fácil. Mas a gente consegue vencer. Deitar com a cabeça tranquila e dizer assim: ‘ainda bem que não fiz’. Muita paz, muita tranquilidade.

Hoje, vejo como minha vida melhorou 100%. A relação com meu filho mais velho mudou. Conheci quem realmente é meu filho. É meu amigo, companheiro, mais que um filho. Me acompanhou durante a gestação. Eu precisava, ele estava do meu lado. Em nenhum momento me abandonou. Tenho muito orgulho do meu filho mais velho. Tenho certeza que o bebê vai ser tão maravilhoso quanto ele.”

Maternidade e a liberdade feminina

“Mais um? Mas esse é tão pequeno ainda, nem saiu das fraldas”. C. tinha receio de escutar isto das pessoas sobre ter mais um filho. Pensou em abortar.

Ser mãe de vários filhos foi natural, num passado não muito distante. Até a década de 1970, havia no Brasil uma média de seis filhos por família. Nossas avós tiveram vários filhos. Hoje, ter mais de dois ou até três filhos costuma causar surpresa. A jornalista Narlla Sales Bessoni escreve sobre os conflitos e celebrações da maternidade. Descreve que, hoje, ter um filho pode representar um obstáculo e até mesmo a frustração dos planos de uma vida feliz e tranquila.

A frustração com os planos quando se tem uma gravidez indesejada ou não planejada contribui para o questionamento sobre abortar ou não. O aborto justificado por tal frustração ou pela independência da mulher também foi notado nas entrevistas para este livro.

“Ele (o bebê) veio numa fase diferente da minha vida. Eu estava trabalhando fora, era independente. Saía com minhas amigas, não pensava em ter outro filho. Os outros dois estavam grandinhos”, lembra P.

“O problema não é ter o neném, o problema é que ele pega a gente 24 horas por dia e é para o resto da vida”, comenta M.

Há a ideia de que um filho pode significar uma prisão: dos planos e da realização feminina. “Não tinha espaço e uma criança não encaixava na minha vida. Eu estava planejando fazer uma pós-graduação. Como vou fazer uma pós com um bebê? Tinha medo de que tudo que eu construí caísse por terra”. H. descobriu que estava grávida aos 41 anos.

A percepção da maternidade mudou. O feminis-

mo, em particular, algumas correntes do movimento entendem que a maternidade pode significar falta de liberdade, assim a liberdade feminina passa pelo distanciamento da maternidade. A contracepção, por exemplo, pode ser compreendida pelas mulheres como forma de se libertar do domínio masculino e o exercício dos direitos reprodutivos seria um fator de igualdade entre o homem e a mulher.

A socióloga Lucila Scavone, no artigo *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*, mencionando também com outros autores (as) traz que a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades.

Para os movimentos que defendem a legalização do aborto, sua proibição discrimina a mulher, exercendo controle do seu corpo, privando-a de tal liberdade. Rompem, assim, com os direitos fundamentais – sexuais e reprodutivos – e com a liberdade sobre seu corpo e suas escolhas.

Contudo, o direito à vida também é um direito fundamental. Tal colisão é um dos debates em relação ao aborto. Os direitos fundamentais não são absolutos, mas relativos. Nesse caso, essa colisão é feita uma análise do caso concreto, depois um juízo de ponderação,⁵ que

5 Juízo de ponderação: procedimento de tomada de decisão empregado pelo juiz quando lida com tensões entre valores ou interesses constitucionais que se colidem.

pode ser feito a nível legislativo ou via judicial, por meio de uma interpretação do juiz.

A interrupção da gestação pela liberdade leva a um questionamento não só em relação às mulheres, mas à sociedade como um todo. A ideia de liberdade pode esconder uma sociedade hedonista e egoísta, que está centrada no eu: eu quero, eu posso, eu faço. Pode-se comparar essa situação com a descrita no capítulo anterior, sobre o abandono dos filhos pelo pai que, ao sumir, não se preocupa com a mulher, nem com o bebê.

“E a gente fica pensando: eu não quero cuidar de neném, eu não deixar de sair, não quero sair do trabalho, tudo assim. Você, você, você. E ele? Ele só quer viver, mais nada”, aponta P.

“Às vezes, a gente pensa muito na gente e não vê o próximo. É uma outra vida, sempre é uma outra vida”, pontua F.

Não se trata de limitar o valor feminino ao lar. Não significa, assim, que as mulheres são mães perfeitas, que terão filhos perfeitos, ou que a maternidade será algo fácil. “Valeu a pena (continuar a gravidez), nossa, às vezes eu me aperreio, mas vale a pena sim, aquele sorrisinho, nossa! Agora eles estão meio que aprendendo a fazer as coisas. Estão enormes, tem hora até que dá vontade ter outro”, diz N. O que se nota é a retirada do sentido e valor do nascituro para afirmar uma independência da mulher, justificando, assim, o aborto. “Tenho coisas para fazer. Ia atrapalhar tudo”, enfatiza B.

O nascituro

“Vale a pena dar o sim à vida, você vê o sorriso do teu filho tá tudo bem, é a melhor coisa do mundo.”
G.

No período em que a mulher geralmente descobre estar grávida (com o atraso menstrual), na quinta ou sexta semana de gestação, o coração do embrião já bate. Do momento da concepção até o nascimento, a célula ovo vai se dividir, desenvolve-se com base em sua informação genética única e inédita, gerando um novo ser humano. Tal desenvolvimento é percebido na ecografia. “Fazendo as ecografias, a gente vai pegando amor”, diz M., com doçura, ao falar do seu ‘meninão’, que a família toda quer pegar na hora do banho.

O direito à vida é reconhecido como um direito fundamental do ser humano. A personalidade jurídica⁶ passa a existir quando o ser humano nasce e respira. Até a primeira respiração ele recebe tutela por seu estado potencial, protegida no Brasil pelo Código Civil, por exemplo.

A partir desse momento da primeira respiração, a vida deve ser guardada integralmente pela Constituição. A Constituição de 1988, no art. 5º, atesta que a inviolabilidade da vida é garantida aos brasileiros e estrangeiros que vivem no Brasil. Aplica-se da mesma forma para a mulher e para o homem. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.

No Código Civil está dado que a personalidade civil do homem começa do nascimento com vida, mas a lei põe a salvo os direitos do nascituro desde a concepção. O Estatuto do Nascituro, que ainda é um Projeto de Lei, visa reafirmar isso. O texto assegura a expectativa

⁶ Quando o ser humano adquire direitos e contrai obrigações ou deveres na ordem civil.

do direito à vida, à integridade física, à honra, à imagem e de todos os demais direitos da personalidade.

O Brasil também é signatário da Convenção Americana de Direitos Humanos, de 1969. Sobre o direito à vida, a convenção garante no art. 4º que “toda pessoa tem o direito de que se respeite sua vida. Esse direito deve ser protegido pela lei e, em geral, desde o momento da concepção. Ninguém pode ser privado da vida arbitrariamente.”.

O advogado Jaques de Camargo Penteado, ao escrever *A Vida dos Direitos Humanos Bioética Médica e Jurídica*, diz que o embrião está para a criança como a criança está para o adulto. Pertencem aos vários estágios de um mesmo e único ser: o homem, a pessoa. A partir da concepção, da fecundação do óvulo com o espermatozoide, há um novo DNA, com características de uma pessoa, porque traz em si atributos próprios que irão acompanhá-lo até a morte.

“E as pessoas falam dos três meses (do aborto até o terceiro mês), o meu filho no ultrassom de três meses, já estava completinho. Depois da 6ª semana já tem bracinho, perninha, só se desenvolver”, conta uma das mães atendidas pela casa.

Sobre quando se dá, de forma precisa, o início da vida, encontram-se várias teorias. Tal debate entra em discussão também nas ciências médicas e biológicas. Destacam-se três hipóteses:

1. Teoria da concepção: a vida humana começa na fecundação, quando espermatozoide e óvulo se

encontram e fundem seus materiais genéticos. Surge, assim, o ser humano. Passa a existir ali, uma vida, que apenas se desenvolve nas etapas seguintes, pois um novo indivíduo já está formado.

2. Teoria da nidificação: a vida começa na fixação do blastocisto (produto da fecundação) na parede do útero. Ocorre geralmente, na segunda semana. Antes apenas havia um aglomerado de células. Um dos argumentos é de que o embrião fecundado em laboratório morre se não for implantado no útero de uma mulher. O DIU e a pílula do dia seguinte, contraceptivos legalizados no Brasil visam impedir essa fase da gestação.

3. Teoria da formação dos rudimentos do sistema nervoso central: Passa a existir vida quando o tecido nervoso estiver formado, quando o bebê estará sensível a dor, por exemplo. A teoria supõe o inverso do princípio da morte, que ocorre quando as atividades do cérebro param. Assim, somente quando elas começam se inicia também a vida.

Religião

Dentro de algumas religiões, o aborto é aceito em casos de estupro ou risco de vida materno (situações já descriminalizadas no Brasil). Para muitas denominações cristãs, o aborto, em qualquer estágio de desenvolvimento fetal, significa tirar uma vida humana inocente. O espiritismo, por exemplo, vê nesse ato uma recusa aos

desígnios de Deus.

A escritora Danda Prado, em seu livro *O que é aborto*, descreve a visão de algumas religiões sobre o tema e diz que as religiões protestantes encaram a questão de forma menos homogênea, o que pode ser percebido também no islamismo e judaísmo.

A Igreja Católica assume ser contrária ao aborto em qualquer estágio da gravidez. A visão católica é a mais difundida no país, reiterando o olhar mais aceito sobre a inviolabilidade da vida humana. Nossa sociedade é predominantemente católica – e, num crescente, evangélica –, o que ajuda a entender a recusa do aborto logo de início em uma roda de conversa, e também a percepção da maternidade em nossa sociedade.

Para o catolicismo, há um papel fundamental e insubstituível da maternidade dentro de uma família, e a identidade feminina se plenifica com a maternidade, que está inserida na própria natureza da mulher. Como dito no capítulo anterior, para a sociedade, tal percepção tem mudado.

A Igreja Católica contempla a maternidade em sua dimensão física e espiritual. Pode-se entender a maternidade espiritual para além da mulher celibatária.⁷ Estende-se, por exemplo, a uma mulher próxima, ou parenta que tem por alguém um amor igual ao de uma mãe. Num exemplo prático, escuta-se por aí: “eu gosto dela como se fosse minha mãe” ou “eu o amo como um filho”.

⁷ Mulher celibatária: Aquela que decide não casar para se consagrar a Deus

Cabe aqui, lembrar a crítica feita ao movimento pró-vida de que, na verdade, seria pró-nascimento. A acusação é que, ao dizer não ao aborto, trata de algo puramente religioso, doutrinário, que só pensa no nascituro. Os capítulos deste livro desmontam tal argumento. A Casa Pró-Vida acompanha a mulher e seu filho para maior dignidade de ambos. A questão da defesa da vida desde sua concepção se mostra não como uma questão de religiosidade, mas uma questão de dignidade humana.

”Não me arrependi de entregar pra adoção”

B. foi para uma festa e o que era para ser diversão, tornou-se violência. Depois de alguns dias, descobriu que estava grávida. Decidiu continuar a gravidez e entregou sua filha para a adoção.

“Nesse dia, não sei quem me deu alguma coisa, colocou alguma coisa na minha bebida, pois nem cheguei a beber bastante. Tomei um copo e aquele copo bastou. Não lembro de mais nada.

Acordei e estava num quarto com um pouco de dor assim, um desconforto. Acordei era outro dia, às 7 horas da manhã. Ou seja, apaguei por horas. Perguntei pra minha amiga quem tinha me levado pro quarto e ela não tinha visto nada. Ninguém viu nada. Me senti meio traumatizada.

Fui pra casa e depois de duas semanas comecei a enjoar. Pensei: ‘Era só o que me faltava’. Naquele dia, eu já tinha vomitado três vezes e pensava: ‘Eu não acredito’.

Comprei o teste de farmácia. Estava grávida mesmo. Eu estava grávida e nem de homem eu gosto. Sou lésbica. Não sabia o que fazer.

Se falasse para meus pais, iam querer ficar com a criança. Naquele momento, eu não queria. Não que o bebê tivesse culpa, ou alguma raiva dele. Porque se nascesse, não ia descontar na criança o que aconteceu comigo. Ela não tem culpa do pai que tem. Não queria abortar por olhar para ela e lembrar do que aconteceu. Era só por eu não querer naquele momento. Algo assim: quero o filho, mas não agora. Tenho coisas para fazer. Ia atrapalhar tudo.

Comecei a procurar nos sites. Queria informações desde o começo da gravidez. Um dia encontrei a casa. Estava de sete meses e sempre usei roupas largas. Sou filha única. Ninguém da minha família sabe que engravi-

dei. Antes disso, entrei na internet e tentei achar alguém que quisesse uma criança. Tinha meio que desistido de abortar. Na verdade, sabia que não ia conseguir abortar. Pensava em achar alguém que ficasse com a criança e lhe desse o amor que ela merece. Não quer dizer que eu não seja uma pessoa amorosa, só que naquele momento não queria filho.

Desisti de falar com o casal que queria adotar a criança. Fui conversando com as meninas da Casa Pró-Vida. Sofri a gravidez inteira, porque só eu sabia. Conversando com elas (as atendentes da Casa), vi a saída. Foi a salvação. Minha mãe é minha melhor amiga. Foi muito difícil esconder. Conversando com o pessoal, se-gui mais aliviada. Depois de meses sem descansar, dormi mais tranquila. E marquei com a médica da casa.

Durante todos esses meses, nunca fiz nada na barriga. Tem gente que bate na barriga. Eu não queria ter o bebê, mas cuidava. Comia muita fruta, tomei vitamina. Por mais que não a quisesse, estava pensando no bem da criança. Tenho uma namorada e ela também não sabia. Nem chegava perto dela direito e ela começou a estranhar.

Teve um dia em que comecei a sentir muita dor. Liguei para o Pró-Vida, saí escondida da minha mãe. Fui para maternidade uma da manhã. Às 6h30 meu bebê nasceu de parto normal. Foi um alívio. Peguei no colo. Ela era bonitinha. Foi uma sensação gostosa ter deixado ela nascer, não ter feito nada de errado, como ter evitado de ela ter uma vida. Nem sei explicar a felicidade. Nasceu perfeitinha.

Fiquei um dia na maternidade. Antes de sair, fui visitar minha filha. Conversei com ela. Falei assim: 'A mãe vai ter que deixar você aqui. Mas hoje ou amanhã vem uma família te pegar'. Saí de lá aliviada.

Fui à juíza explicar o que aconteceu, contar por que queria colocar para adoção. Estava com o advogado da casa. Até hoje a casa me acompanha. O pessoal aqui pensa na criança e na mãe. E quanta gente quer um filho e não pode ter. É uma vida, não um objeto.

Aprendi muito com essa experiência. Antes até pensava: 'Ah, mas a mulher, o corpo é dela. Por que não pode fazer isso?'. Agora penso que se a mãe não quer cuidar, tem quem cuide. Não me arrependi de entregar pra adoção.

Acho que não vale a pena abortar, mesmo tendo sido violentada. O sofrimento é muito grande. Até fui com o pessoal da casa atender outra menina, que passava pela mesma situação. Conversei com ela. Disse: 'Sei que você deve estar pensando a mesma coisa que eu. Quem somos nós para falar para você ficar, para ter o bebê. Só que nós queremos ajudar. Se você abortar, pode dar uma complicação. Vai matar a criança. É um conjunto de fatores. Eles (a Casa Pró-Vida) não querem só que a criança nasça. Querem cuidar de você e da criança, para que todos fiquem bem. Conte toda minha história. E a ela aceitou ficar com a criança.'"

Adoção

“Vou achar alguém que fique com a criança e dê amor que ela merece.” F.

Uma alternativa encontrada pelas mães é deixar a criança para a adoção. “Foi uma sensação gostosa de ter a deixado nascer, por não ter feito nada de errado, como evitado dela ter uma vida. Nem sei explicar a felicidade. Nasceu perfeitinha”, conta B.

B. foi violentada. Contudo, enfatiza que não foi por isso que decidiu entregar a criança para a adoção. “Naquele momento, não queria. Não que eu tivesse raiva dela. Porque se ela nascesse, eu não ia descontar o que aconteceu. Ela não tem culpa do pai que tem.”

“Me sugeriram ter o filho e entregar para a adoção. Eu disse que não, porque não queria que ninguém me visse grávida. Não queria me ver barriguda, dando satisfação para as pessoas. Me sugeriram ir para um lugar (um convento) para ter o filho lá. Aí já me abri um pouco. Decidi não fazer mais o aborto e comecei a pensar no meu filho mais velho”, diz F., outra mãe, que mais tarde resolveu ficar com a criança.

A adoção é feita pelos meios legais. A mãe da criança é acompanhada por um advogado da casa. “Aprendi muito com essa experiência. Antes, até pensava: ‘Ah, mas a mulher, o corpo é dela. Por que ela não pode fazer isso?’. Agora, penso que se ela não quer cuidar, tem quem cuide. Não me arrependi de dar pra adoção. Está bem cuidada”, reflete B.

A adoção é um processo burocrático, que pode ser demorado ou não. Isso depende de cada caso, da criança, de quem pretende adotar. Segundo o Cadastro Nacional

de Adoção do Conselho Nacional de Justiça,⁸ há 4.874 crianças ou adolescentes disponíveis para a adoção. Um dado curioso é que apenas 1.617 não possuem irmãos e quase 67% dos pretendentes disponíveis declaram que não aceitam adotar irmãos. A adoção conjugada é uma política de governo, para não separar crianças de suas famílias de origem.

⁸ Dados obtidos na primeira quinzena de novembro de 2017.

Violência

“Foi um estupro, pelo meu padrasto.” E. tinha 13 anos quando foi violentada.

A violência sexual é uma das situações mais delicadas quando se trata do aborto. “Eu fiquei muito tempo na psicóloga aqui da Casa Pró-Vida. Ainda travo para conversar com algumas pessoas. É um processo”, conta E. A gravidez é tida como algo belo na vida da mulher, afinal há a geração de um novo ser. Mas tal beleza pode ser consequência de uma terrível violência.

O trauma que a mulher pode carregar tende a ser muito grande. O aborto se justifica em tal situação por tamanha violação física, emocional e psicológica que a mulher sofre. O filho poderia trazer ainda mais reflexos de tal situação. “As pessoas tinham medo da minha relação com o bebê. Elas perguntavam se eu ia conseguir olhar para ele”, detalha E., sobre ter sofrido um estupro. Os depoimentos colhidos caminham no sentido contrário dessas expectativas, a de que o aborto se justificaria pelo fato de que conviver com a criança pode trazer à tona todo o sofrimento do momento do abuso, por exemplo.

O que se percebe nos casos analisados foi o reconhecimento de que o bebê não tem culpa do ocorrido; ou ainda de que o aborto não vai mudar o que aconteceu e que a solução mais adequada seria a punição do homem que violentou. Deve-se ressaltar que esses depoimentos são apenas um recorte da realidade do aborto no Brasil. Mas essas situações podem contribuir com as discussões sobre a mulher e a interrupção da gravidez. Além do estupro, o aborto também pode ser uma violência contra a mulher e gera consequências físicas, psicológicas e emocionais. “Meu psicológico não

aguentaria se eu tivesse tirado a criança”, destaca E. A jovem finaliza: “Meu filho é o amor da minha vida. É meu amor”.

Mais que uma consequência da violência, há um ser humano sendo gerado. A gestante E. conta que no início da gravidez não pensava em abortar, devido a sua idade (tinha 13 anos) e à maneira como ocorreu. “Eu não queria abortar, porque o bebê não tinha culpa. Não pedi para estar ali. Não pedi por aquilo. Eu tinha que pensar na vida dele também. Acho que não conseguiria (fazer o aborto). Seria mais um crime para esconder um outro crime”.

As gestantes adolescentes no Brasil têm seus cuidados preferencialmente no atendimento de pré-natal de alto risco. O atendimento tem maior acompanhamento psicológico, assistencial, nutricional, pois as meninas podem ter maior risco de restrição de crescimento e desnutrição, por exemplo, e educacional – a menina é orientada em relação à importância de continuar os estudos, sobre a licença-maternidade e a adaptação na escola.

No Brasil, o aborto é descriminalizado em casos de estupros, após um boletim de ocorrência. “Foi um estupro, pelo meu padrasto e hoje ele está foragido”, revela E., que enfatiza a inocência do bebê e leva ao questionamento sobre o trabalho falho das autoridades em responsabilizar o homem pelo seu crime.

A legislação do aborto no Brasil

O aborto no Brasil é considerado crime pelo Código Penal de 1940, de acordo com a lei nº 2.848. As formas de aborto são o natural, o acidental, o criminoso e o legal.

No país, o aborto é descriminalizado em três situações: quando não há outra forma de salvar a vida da mãe, em casos de estupro e nos casos de anencefalia.⁹ Este último, refere-se a uma decisão do Supremo Tribunal Federal: a interrupção da gravidez em casos de fetos anencefálicos não é julgada como um crime.

Hoje há duas situações em debate – a discussões sobre o aborto em casos de microcefalia e o aborto até o terceiro mês da gestação. Em novembro de 2016, a primeira turma do Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu um habeas corpus que revogou a prisão preventiva de cinco pessoas que trabalhavam numa clínica clandestina de aborto em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Votaram os ministros Luís Roberto Barroso, Rosa Weber e Edson Fachin.

Além da descriminalização em relação aos casos de violência, a Lei 12.845, chamada de Cavalo de Tróia e sancionada em 1.º de agosto de 2013, visa atender as vítimas de violência sexual de modo imediato e obrigatório. A legislação facilita o acesso ao tratamento das

⁹ Por anencefalia se entende a condição caracterizada pela má formação ou ausência do cérebro e/ou da calota craniana (os rudimentos de cérebro, se existem, não são cobertos por ossos).

mulheres vítimas de abuso e violência sexual. Porém, a mesma lei recebe muitas críticas, pois parte de seus dispositivos já estão inclusos em outras normativas. O que se encontra, de novidade, no artigo 3.º, é a profilaxia da gravidez como um serviço imediato e obrigatório em todos os hospitais integrantes da rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Ou seja: o aborto como um serviço imediato e obrigatório.

O Projeto de Lei (PL) 5.069 também é alvo de discussões, pois tipifica como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo e prevê penas específicas para quem induz a gestante à prática. O PL exige apresentação de um boletim de ocorrência e exame de corpo de delito para que seja realizado um aborto. Para os contrários, tal projeto exporia ainda mais a mulher que é violentada, que precisaria falar sobre a situação ou passaria por constrangimentos na delegacia. Também inviabilizaria o acesso rápido à pílula do dia seguinte, por exemplo.

O argumento a favor do PL é de que se pode evitar a tentativa de aborto por mulheres que não teriam sido violentadas, uma vez que antes de sua aprovação, apenas a afirmação da mulher sobre ter sofrido violência sexual era o suficiente para fazer o aborto no Sistema Único de Saúde (SUS).

“Tinha pesadelos, dia e noite, com bebê”

Em meio às dificuldades financeiras, L. descobre estar grávida e busca o aborto. Durante esse período, tem sonhos e pesadelos com bebês. Ao conhecer o trabalho da Casa Pró-Vida, decide continuar a gravidez. Hoje, sua filha está com 6 meses. L. trabalha em uma padaria e seu marido continua desempregado. Contudo, para ela a menina é a maior alegria da sua casa.

“Descobri que estava grávida e fiquei desesperada. Meu marido estava desempregado, só fazia bico, sabe. Sou casada, moro de favor no mesmo terreno da minha sogra e tenho duas crianças. Não passo fome, mas dificuldade.

No desespero, como vai ser? Mais um, né? Fui procurando na internet. Cheguei na casa. Não cheguei a tomar remédio, nada. Eu pesquisava na internet.

Não, não. Eu não estava me reconhecendo em falar sobre o aborto, porque eu sempre fui contra. Quando descobri que estava grávida e veio direto na minha cabeça o aborto, não tive coragem de falar para ninguém, nem para o meu marido. Na minha cabeça, ia ser mais fácil fazer o aborto e ninguém ficar sabendo.

Isso foi até eu fazer minha ecografia, quando completei um mês e três dias. Me deu uma crise de choro, desespero. Vi que não ia conseguir abortar. Até quando fui conversar com o pessoal da Casa Mãe Imaculada eu estava decidida a não fazer.

Meu marido não apoiaria o aborto. Tanto que depois que falei com as meninas da casa e elas me acalmaram, contei para ele que estava grávida e que queria fazer o aborto. Me escutou e não me julgou, mas não ia aceitar. O desespero foi mais pela realidade financeira.

Parece um anjo que apareceu na minha vida, porque eu não estava me reconhecendo. Não conseguia mais trabalhar. Tinha pesadelos, dia e noite, direto, com neném, etc. Sonhava que minha cama estava cheia de sangue.

Agora, estou conseguindo ver o lado bom. Só enxergava o lado ruim, que ia ser difícil, que não ia conseguir, que ia ter que sair do serviço. Só isso. Meu marido ficou feliz, minha sogra ficou feliz. E tenho apoio dos meus patrões.

É uma sensação maravilhosa, não tem como explicar. Não esperava que meu marido ia ficar tão feliz como está. Não viu em momento algum o lado ruim, como eu vi. O sentimento era de desespero. Passam mil coisas na cabeça da gente. Agora estou feliz, no meu trabalho, na minha casa, estou melhor.

Deus dá um jeito pra tudo. Essa criança está vindo por algum motivo. Se abortar a gente nunca vai esquecer. Todo mundo tem o direito de viver, né?

Na internet, não é tão fácil comprar remédio. Pede e-mail, isso, aquilo. Tem muitos produtos falsificados.

Tem uma amiga minha, ela está com 42 anos, não sei se foi pelo remédio, ou pela idade... Ela tomou remédio, e teve hemorragia durante três dias. Uma hemorragia muito forte. Achou que tinha perdido a criança, mas não. A menininha dela está com 6 anos e nasceu com probleminhas. Faz acompanhamento, com problema de visão, físico, pulmão.

Vi no site de uma feminista alguns comentários. Como ela pode ser a favor do aborto, né? As feministas são a favor do aborto, mas quantas meninas são mortas (ainda em gestação) por causa disso? Há também as consequências físicas e psicológicas. Sofri antes de fazer

o aborto, imagine se eu tivesse feito. Teria acabado com minha vida, com certeza.

Seriam três vidas, do meu bebê e a minha e a do meu marido. Não sei como ia ser. Dá para dizer que ele é apaixonado por mim, mas não ia me perdoar. Ele também ia ficar a vida inteira com isso na cabeça, pensaria como a criança estaria agora, se era menino ou menina. Eu ia acabar com a vida do bebê, com a minha e a do meu marido.”

O desespero e as consequências do aborto

“Eu fiquei desesperada, mas eu não contei para ninguém”, H.

Para as entrevistadas, a gestação com tentativa de aborto é como uma saga. Como se um universo cheio de coisas passasse pelo pensamento das mulheres. É muita história para poucos meses. “Terror. A única palavra que define tudo”, descreve C., ao falar sobre o que sentia quando pensava em abortar.

Os capítulos anteriores tratam disso, descrevem situações em que tal pensamento aparece, seja pela realidade financeira, familiar, por violência. Todas essas situações numa gravidez indesejada levam ao desespero e trazem consequências para a mulher. Os relatos se assemelham em diferentes histórias.

“Até eu contar para meu pai, a gravidez estava sendo um pesadelo. Não dormia, não comia, não falava com ninguém. Me isolei totalmente do mundo. Chorava bastante.”

“Eu tinha pensamentos horríveis durante a noite. Minha mãe dormia comigo.”

“Eu sonhava com isso (com o aborto). Imaginava que eu tinha abortado, escutava choro de criança.”

“Eu já estava num estado assim: depressiva, emagrecendo, estressada. Estava me intoxicando de tanto tomar chá, de tanto tomar um monte de coisa”.

Além das consequências psicológicas e emocionais, a tentativa de fazer o aborto traz muitos riscos físicos à mulher. “Eu nunca pensei em me suicidar. Mas naquele momento pensei”, destaca H. Tais consequências podem acontecer pós-aborto. Os relatos mostram que são graves e podem aparecer já ao pensar em abor-

tar, a partir do momento que se decidem pelo aborto.

“Eu fui tomando, até um dia eu peguei um remédio, não lembro o nome e fui parar no hospital. Chegando lá, o médico falou que tinha dado quase uma parada cardíaca. Não me lembro de nada, meu irmão que me levou no hospital, estava desmaiada”, relembra S.

A Internet

O uso da internet se mostrou como um caminho arriscado para as mulheres que buscam o aborto. Elas experimentam muitos produtos e aceitam dicas dadas pela web, sem orientação profissional. “Comecei tomando chá, vários tipos de chás. Procurei remédios. Perdi dinheiro. O medicamento não chegou. Procurei sites, clínicas de aborto (clandestino)”, conta H.

O insucesso com os medicamentos e chás é relatado em todas as entrevistas. Todo método abortivo não é certo e confiável. Nem mesmo os remédios. Vale a pena frisar que além de ser clandestino aqui no Brasil, muitas vezes não tem efeito algum. “Comprei por R\$ 800. Não fez nem cócegas”, lembra H.

A tentativa de realizar abortos em casa, ou de algum modo clandestino, pode trazer complicações como infecções, perfuração do útero, esterilidade. “Esses chás me fizeram muito mal. Passei mal e ela (o bebê que queria abortar) continuou lá”, conta A.

Os métodos abortivos são arriscados para as mu-

lheres e podem trazer sequelas ou traumas, físicos, psicológicos e emocionais. Isso vale até mesmo para os métodos seguros, quando o aborto é legalizado. Tais cirurgias e procedimentos são muito delicados. “Eu já sofri antes de fazer o aborto. Imagine se tivesse feito”, reforça L.

Os métodos de abortamentos são violentos também com os nascituros. A ginecologista e obstetra Elizabeth Kipman, coordenadora do Departamento de Bioética do Hospital São Francisco, em Jacareí (SP), em seu texto “Os métodos de aborto provocado”, para o site Aleteia, explica seis tipos de abortos provocados, utilizados em países onde o aborto é legal: aspiração, curetagem, prostaglandina, solução salina, histerotomia, nascimento parcial – além do método químico usado, sobretudo para o aborto precoce:

a. Aspiração ou sucção: O colo uterino deve ser dilatado de modo forçado. A sonda colocada dentro do útero aplica uma força de aspiração de 25 a 30 vezes superior ao aspirador comum e reduz a pedaços o embrião ou feto arrancando a placenta fortemente presa à parede uterina.

b. Curetagem: substitui o aspirador por uma forte pinça e colheres de cabo longo e bordos cortantes que extraem aos pedaços, o feto e a placenta. A perda de sangue pode ser abundante. Em princípio, a curetagem e a aspiração são realizadas no máximo até 12 semanas (2 meses e meio) de gestação.

c. Prostaglandina: é uso de fármaco por via oral ou intravaginal e provoca o aborto ou trabalho de parto

independente do tempo da gestação. O bebê pode nascer vivo.

d. Solução salina: utilizada a partir da 16ª semana de gestação pela injeção de solução salina concentrada para dentro do saco amniótico, por meio de longa agulha. O feto aspira e engole este líquido que o envenena; ele se debate, às vezes apresenta convulsões em lenta agonia; nasce com queimaduras pelo sal concentrado, que chega a tirar toda sua pele. Apesar disso, pode nascer vivo.

e. Histerotomia: cirurgia semelhante à cesárea; se o bebê nasce vivo, é abandonado para morrer. Método usado em idade gestacional avançada.

f. Nascimento parcial: técnica usada após o quinto mês de gestação. Realiza-se o parto normal pélvico tracionando o bebê pelos membros inferiores. Ao surgir o pescoço, o médico atravessa um orifício da nuca e esvazia o cérebro, matando-o. Para concluir, só falta retirar a cabeça diminuída de volume. Nos Estados Unidos da América, a motivação deste método é de ordem legal. Se ao nascimento, o bebê esboçar o menor sinal de vida, é considerado pessoa diante da lei e deve ser protegido.

Uma saída no amparo da Casa Pró-Vida

“E quando chega aqui não tem como não se sentir acolhido, parece que a Casa é a mãe da gente que dá aquele abraço”.P.

Amparo e acolhida, palavras que podem descrever o que as mulheres encontram. Como mostrado nos capítulos anteriores, a mulher se depara com tal situação e tem um sentimento de solidão, num primeiro momento, frente a tudo que pode acontecer. *Depois daquele dia*, a história de cada mulher teve um caminho diferente e cada criança pôde ter uma história. “Fui ficando mais calma. Qualquer coisa, eu tinha pra onde correr”, diz P. Nas demais instituições dentro do movimento pró-vida, os relatos são semelhantes. Ou seja, essa acolhida não está somente em Curitiba, mas nos demais estados, cujas instituições foram citadas.

“Faziam compras pra mim, no Natal mesmo. Depois que tive eclampsia¹⁰ não havia de onde tirar dinheiro para comprar remédio. Me levaram remédio”, lembra N., jovem mãe de gêmeos, prematuros. Os gêmeos estão grandes e saudáveis. Sempre aparecem na casa com a mãe. Ela vem buscar fraldas G. tamanho M não dá mais. Fazem a festa dentro da Casa Pró-Vida, apesar de não ser uma casa lar, é grande como casa de vó, onde cabe a família toda aos domingos.

“A casa estava disposta a ajudar em tudo que eu precisasse. Com minha família, conversando com eles”. A decisão pela vida do bebê trouxe novidades para a vida de H. Ela optou por sair da casa dos pais (não por terem expulsado, mas por opção) e ter o próprio apartamento.

10 Doença de pressão arterial alta na gravidez. Os sintomas característicos da eclâmpsia: convulsão (às vezes precedida por dor de cabeça, de estômago e perturbações visuais), sangramento vaginal e coma.

Aos 41 anos, decidiu começar uma nova vida com os dois filhos.

“Parece um anjo que apareceu em minha vida, porque eu não estava me reconhecendo. Não conseguia mais trabalhar. Tinha pesadelos, dia e noite. Sonhava que minha cama estava cheia de sangue”, conta L. O sentimento de alívio aparece em todos os acompanhamentos que a casa oferece. “Fiquei mais leve. Aquele escuro saiu. Tem alguém do meu lado”, comenta S. Ela não tinha uma boa relação com a mãe quando descobriu a gravidez.

A partir da acolhida e acompanhamento, a mulher decide continuar a gravidez. Importante dizer aqui que não é um trabalho de convencimento, mas um entender a mão. Não são todas as mulheres que escolhem continuar a gravidez. Algumas não aceitam esse tipo de ajuda e continuam com o desejo de abortar.

Percebe-se nas entrevistas que, a partir do momento que as mulheres encontram amparo, optam por ter a criança. A maioria delas age assim. O aborto se mostra como uma opção por falta de ajuda em diferentes situações que as mulheres vivem, como se não tivessem outra saída.

Tal situação pôde ser percebida também, por uma pesquisa em sites pró-aborto, que contêm histórias de mulheres que decidiram abortar. O relato delas em relação ao que viviam enquanto pensavam no aborto é muito parecido com os descritos aqui. As situações se assemelham. A mulher se vê desesperada, muitas vezes

abandonada pelo parceiro, numa condição financeira ruim, entre outras situações. O que diferencia é a decisão final: abortar ou não.

“Se eu fosse aconselhar uma pessoa, eu diria para não fazer o aborto, nem pensar nisso. Eu lembro, só de pensar nisso eu já me sinto mal, eu olho para eles vejo a inocência deles, eles não mereciam nada do que eu falei ou que o pai deles falou, porque ele também pensava desse jeito, não queria, mas hoje olha pra eles do mesmo jeito, o mesmo amor que eu tenho, ele tem.”, conta N.

“Acordar de manhã com um sorrisinho. É a coisa mais perfeita do mundo. Mesmo que você não tenha o apoio do seu namorado, marido, terá apoio de outras pessoas. Claro que há muita dificuldade, choro, noites sem sono. Mas vale a pena dizer sim à vida.” R. engravidou aos 17 anos, terminou os estudos e seu bebê é uma menina, com os cabelos cacheados, como os da mãe.

“Eu entendo que quando a mulher está passando por diversas situações, ela sinta essa vontade (de abortar). Só que eu sei que quando você olha para seu filho (a) tudo isso passa. Você vai passar aperto, sim, não tem como. Só que vale a pena. Na realidade, a culpa não é dele. Eles (os filhos) não merecem ser maltratados, vão ser seus para o resto da vida, ninguém vai tirar esse amor de você.”

N. é acompanhada pela Casa Pró-Vida Mãe Imaculada.